

Ameaçados programas de ajuste

Da sucursal do
RIO

A alta recente da taxa de juros internacional ameaça a exequibilidade dos programas de austeridade e ajustamento dos países devedores. Esse foi um dos quatro pontos enumerados ontem, no Rio, pelo senador Roberto Campos (PDS-MT) para justificar a nota conjunta dos presidentes da Argentina, do Brasil, Colômbia e México, protestando contra a elevação dos juros e sugerindo discussão política para os problemas de dívida externa.

Por sua vez, o vice-presidente para o Brasil do Bank of America, o maior do mundo e o terceiro principal credor do País, Joel Korn, destacou que há uma consciência cada vez maior no sentido de se encontrar um novo componente para controlar o custo financeiro das dívidas, porque a excessiva política monetária acabará fazendo com que os países desenvolvidos sufoquem os devedores.

Para o senador Roberto Campos, a carta conjunta dos quatro presidentes latino-americanos tornou-se oportuna ainda pelos seguintes motivos: pode atuar como "agente catalítico" para idéias que já estão sendo discutidas na comunidade financeira internacional, como, por exemplo, a capitalização parcial dos juros; por vir imediatamente antes da reunião de cúpula das grandes potências econômicas, em junho próximo, em Londres; pelo menos dois países signatários já iniciaram seus programas de "penoso ajustamento, como o México, com mais austeridade, e o Brasil, com respeitável desempenho no setor externo".

Após lembrar que a Colômbia já corrigiu algumas das distorções econômicas e a Argentina está ainda em processo de ajustamento, Campos ressaltou que a execução desses programas confere aos signatários da nota maior autoridade para reclamarem cooperação dos seus credores, principalmente no tocante a taxas de juros e medidas protecionistas.

CAPITALIZAÇÃO

A idéia de capitalização dos juros, ou seja, transformar o pagamento dos juros (serviço da dívida) em novos empréstimos com prazos de carência mais longos, também foi defendida pelo chefe do Centro de Estudos Monetários Internacionais da Fundação Getúlio Vargas, Luís Aranha Corrêa Lago.

Segundo ele, essa prática possibilitaria, aos países com grandes dívidas externas como o Brasil, o acúmulo de reservas cambiais importantes para contrabalançarem perdas na balança comercial, e impedir a adoção de programas rígidos de controle de economia interna, que contribuem para agravar problemas sociais, como a drástica redução das importações.

Para o vice-presidente do Bank of America, Joel Korn, apesar da idéia da capitalização dos juros ser atraente, ela é discutível na medida em que para a sua aplicação prática serão necessárias mudanças profundas no sistema financeiro dos Estados Unidos. Ressaltando que o seu banco não tem posição oficial sobre essa proposta, Korn declarou: "Não devemos esquecer que estamos num mercado livre, que indica onde os bancos devem canalizar seus recursos, sempre levando em conta taxas de juros mais atraentes".

Mesmo assim, Korn defendeu soluções mais abrangentes para os problemas da dívida externa, através de negociações envolvendo prazos mais amplos e taxas de juros mais realistas, nas quais "deve ser eliminado o elemento de incerteza, para justificar um limite sobre os juros, que devem ser próximos das condições de mercado, mas sem exageros ou irrerealidades".



Arquivo

Campos: carta oportuna